

FUTEBOL DE CATEGORIA E FUTEBOL SUBURBANO¹: O AMADORISMO “MARROM” E A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO FUTEBOL CEARENSE

Caio Lucas Morais Pinheiro*

Na Primeira República, alcunha que denominou a primeira metade do século XX, existiram muitos aspectos que estavam infiltrados no cotidiano das cidades brasileiras. Entre eles, a chegada de várias atividades provenientes da Europa, principalmente com a excursão de filhos de membros das camadas abastadas que iam estudar e retornavam com a formação adequada aos títulos que os caracterizavam como pessoas da elite.

Assim, estes jovens traziam também costumes dos países europeus, por exemplo, os esportes que surgiam naqueles espaços, como o futebol, o turfe, o remo, além da tentativa de importar diversos hábitos e tradições desses espaços para sua terra de origem. Em outras palavras, o historiador Fábio Franzini analisa esse processo afirmando:

Foi assim que o futebol se transformou, como diz o escritor Uruguaí Eduardo Galeano, em “um produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empréstimos do banco Barings ou a doutrina do livre comércio” (1995, p.31). Por trem, navio ou ambos, a bola transpassava fronteiras e tornava o mundo, mais redondo. (2003, p.111)

A sociedade brasileira, diante dos primeiros contatos com essas novas atividades, encontrava-se em um processo de desenvolvimento desigual aos dos países europeus, principalmente com a Inglaterra, nação que ficou conhecida como palco da origem do futebol. Então, como explicar a fixação do futebol e de outros esportes em geral em sociedades que pouco se pareciam? Hilário Franco Júnior discorre a respeito:

¹ Título da reportagem do Jornal Unitário do dia 20 de janeiro de 1942, página 08.

* Graduando em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Artigo orientado pelo Professor Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva e supervisionado pelo Professor Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas.

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional. (2007, p.61)

Franco Júnior adianta algumas questões que serão costuradas neste trabalho, principalmente ao elencar uma tentativa de restringir o esporte aos brancos no futebol amador e a incursão da população não abastada nessa empreitada, como também as mudanças em busca da modernização que trouxera outras perspectivas para o futebol, como a sua profissionalização.

Nesse sentido, esses esportes se tornaram novos itens da modernidade europeia que não podia deixar de ser incorporada pela elite brasileira e a de Fortaleza. Assim, o futebol foi se estabelecendo nas principais cidades do Brasil através desses homens de posse, em São Paulo com Charles Miller, no Rio de Janeiro com Oscar Cox e também em Fortaleza na primeira década do século XX.

Durante a década de 20, o futebol cearense, em seus principais aspectos, prezava pelo bem estar social, pelo lazer e pela valorização do corpo, juntamente aos traços moralistas e higienistas provenientes da Europa e apropriados pela elite cearense.

O Jornal Diário do Ceará também evidenciava o papel das atividades físicas na robustez do corpo, atributo essencial para a elite do país. Podemos notar que o referido jornal mostra o que pensava os cidadãos cariocas, influenciando os leitores locais:

Aos que vêm acompanhando de perto a vida esportiva nacional não há de ter passado despercebido o grande movimento que se operou o anno findo no Rio, com a realização de belíssimas provas em que se revelou o futuro de uma raça forte de preliadores. Em torno das diversas modalidades de sports houve um intenso circulo de animação, que culminou em momentos de verdadeiro prazer com a realização de torneios disputadíssimos, a alma do carioca vibrou a não mais poder. (**Diário do Ceará**, 10.01.1930, p.03)

O futebol nesse período era uma espécie dissensão de classes sociais, isto é, era um “esporte de cor” ou uma prática que se fixava e quem a praticava tentava excluir as classes médias e subalternas dos campos de futebol, agravando ainda mais o fosso da desigualdade social.

Ainda na década de 20, nos campeonatos realizados pela ADC, os ânimos se exaltavam na medida em que os clubes ansiavam pelas vitórias no *match*², gerando novas medidas realizadas pelas administrações dos clubes cearenses, como a “contratação” de jogadores de outros estados.

O historiador Rodrigo Pinto (2007), analisando o pensamento de Airton de Farias, pontua sobre as primeiras “contratações” provenientes de Belém para qualificar o time do Ceará, em 1922, para que se atinja o objetivo: obter o maior número de vitórias nos jogos.

Isto é, por mais que o discurso fosse o bem estar-social dos *sportsmen*³, o futebol cearense caminhava em outro sentido, incorporando cada vez com maior frequência jogadores de origem humilde que “ganhavam a vida” com o talento de jogar futebol.

As “contratações”, nesse período, caracterizavam-se pelo pagamento de alguma quantia, “bichos” ou determinado prêmio para os jogadores devido à precariedade econômica que predominava no desporto cearense. Não eram contratações tal como se compreende atualmente, pois eram realizadas promessas para os jogadores de um determinado valor, que aumentava quando os seus times ganhavam as partidas.

A nomeação “bicho” remonta a prática exercida no clube Vasco da Gama na década de 20 em que os financiadores do time gratificavam os jogadores com uma vaca, conforme Franco Júnior demonstra:

Cada vez era mais frequente os jogadores receberem uma premiação, desde 1923 chamada de “bicho” – como o futebol era oficialmente amador, os comerciantes portugueses torcedores do Vasco recompensavam com uma vaca inteira as vitórias sobre o América, campeão do ano anterior, enquanto derrotar o Flamengo, campeão de 1920 e 1921, valia uma vaca de três pernas, o Fluminense duas ovelhas e um porco, e assim por diante. (2007, p.72)

Essa era uma das formas dos clubes conseguirem manter seus jogadores e, geralmente, atrair jogadores de outros times, processo que foi denominado pelo

² Termo inglês que corresponde a jogo, disputa ou partida.

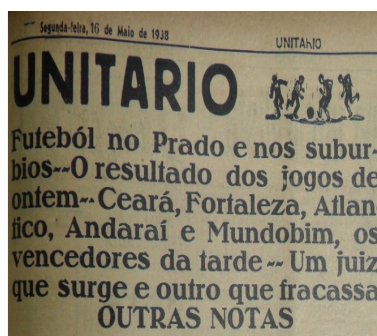
³ Termo inglês que corresponde a desportistas, homens da elite britânica que por muito tempo tomaram para si a prática do football association.

historiador Fábio Franzini (2003) de amadorismo marrom ou semi-profissionalismo e até “profissionalismo dissimulado”.

Entretanto, na década de 30, a popularização do futebol cearense acontecia paulatinamente com a adesão e a criação de clubes nos subúrbios fortalezenses, principalmente pela participação e a inserção dos negros nessa prática, que também proporcionou vários debates e conflitos da/na população.

Esta massificação no futebol mostrava como a *pelota*⁴ não se restringiu a elite cearense de outrora e aos estudantes ingleses das *public schools*⁵ do século XIX. A população de cor, mulata e menos favorecida economicamente vê no futebol uma oportunidade de sobrevivência ou, quem sabe, de ascensão social de vida.

Os jornais da época dissociavam os espaços e as classes sociais no futebol em Fortaleza, como podemos ver na foto:



O Futebol no Prado e nos subúrbios, 16.05.1938.

Fonte: Unitário.

A ideia principal da reportagem é separar o Futebol no Prado e o praticado nos subúrbios, mentalidade construída e segmentada do período, pois o Campo do Prado estava limitado a receber os jogos das equipes tradicionais, o *match* de categoria.

Em contrapartida, o Campo do Urubú, por exemplo, era o local destinado à Liga Suburbana, que era composta por clubes como José de Alencar, Volante Club, Mondobim, Flamengo Club, Oriente Club, Vingador Club e Luso Club. Sendo assim, o futebol cearense foi construindo uma divisão histórica entre o Futebol Suburbano e o Futebol de Categoria.

⁴ Termo espanhol que corresponde à bola, sendo recorrentemente utilizado nos jornais pesquisados.

⁵ Termo inglês que corresponde a escolas públicas, locais em que os sportsmen praticavam o futebol amador.

O amadorismo não atendia a diversificação que a prática tomava nos campos suburbanos e de várzea do Ceará e de outros estados. O futebol de categoria, disciplinado e socialmente segregador, não acompanhava as demandas, muito embora continuasse a existir com seus defensores e praticantes.

Na armação dessa jogada, os jogadores ou praticantes de futebol que se dedicavam, passaram a treinar e render com maior qualidade, despertando o interesse em sua aquisição pelos clubes tradicionais, pois o anseio pela conquista de títulos e a construção de uma trajetória vencedora cada vez mais estava embutida na filosofia dos dirigentes de futebol.

Nessa perspectiva, podemos perceber que o significado social dos jogadores já não eram requisitos intransponíveis. Anatol Rosenfeld aponta:

Quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Estas se tornaram as vitrines dos clubes, que, como instituições sociais e em geral esportivas, concentravam interesses financeiros cada vez maiores. Levar em consideração a “classe” (social) dos jogadores [...] tornou-se afinal um empreendimento quixotesco. (2000, p.39)

O “bicho”, portanto, foi uma das primeiras estratégias dos “donos da bola” do período para alcançarem seus objetivos. Na medida em que o “passe” do jogador fosse acertado por alguma quantia, o amadorismo ia se esfacelando e perdendo seu caráter tradicional.

Os signos iniciais do esporte bretão eram solapados pela realidade (transformações e exigências sociais) e, a partir desse momento, começavam a se misturar com o jeito popular brasileiro de futebol. Para Fábio Franzini, tal fato significou:

Isso não apenas implicou o estremecimento das barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam um “perfil ideal” para os atletas, como disseminou por praticamente todos os clubes atitudes como a oferta de dinheiro e outras vantagens para aqueles que viessem a vestir sua camisa. (2003, p.62-63)

Sobre as vantagens mencionadas por Franzini, ao ser interrogado sobre a prática do “bicho” no futebol cearense, “Seu” Zé Candido⁶ relembra um episódio curioso:

Até tem um fato interessante, diz respeito ao Mozart Gomes, pai do Moésio e Mozarzinho. E então o Mozart queria que o Zeonofre, que era um dos maiores goleiros do futebol cearense, fosse jogar [no] fortaleza. Zeonofre disse: pois eu vou jogar, mas você me dá uma geladeira. O Zeonofre exigiu uma geladeira, mas uma geladeira é 3 contos, é muito dinheiro... onde é que vou arranjar uma geladeira pra lhe dá?

[...]Aí pensou bem... quando chegou em casa abriu a geladeira e deu um grito... aaaah que choque doido! Aí a mulher dele, mãe de Mozart, perguntou: O que é isso? O que foi que houve? Foi um choque que tomei dessa geladeira. Aí ela disse: pois pode levar, tire ela daqui! Aí ele chamou [inaudível]. Nesse tempo não tinha caminhonete pra carregar essas coisas, era uma carroça de burro, botou em cima e mandou deixar na casa de Zeonofre pra ele poder jogar. Esse é um dos fatos pitoresco que eu lembro do meu tempo. (Fortaleza, 07.03.2013)



Zé Candido no Colégio São João.

Fonte: Arquivo José Candido Silveira Fontenele.

Nota-se através desse depoimento que o “bicho” poderia ser em dinheiro, os próprios animais como gratificações ou até objetos de utensílios. A grosso modo, essas transformações e novas práticas que se fizeram presente no futebol cearense foram denominadas de: semiprofissionalismo, amadorismo “marrom” ou profissionalismo dissimulado. Nesse sentido, percebe-se que estas mudanças e a consolidação do amadorismo “marrom” aproximou o contato entre os jogadores e os dirigentes, dificultando a saída do jogador para outra equipe em um curto intervalo de tempo.

⁶ José Candido Silveira Fontenele, mais conhecido como “Seu” Zé Candido, foi jogador amador do futebol cearense nos clubes Maguari, Penarol e Fortaleza na década de 30 e 40.

O falso amadorismo ou semiprofissionalismo, como ficou conhecido este período em que o futebol cearense caminhava segundo essas singularidades, era uma segurança limitada concedida aos novos atores que apareciam nos campos do futebol através dos “bichos”.

Portanto, segundo Heloisa Helena dos Reis e Thiago Escher (2006) “o pagamento de “bichos” foi uma forma encontrada pelos clubes para atrair os jogadores pobres e assim melhorar suas equipes de futebol”.

O ano de 1933 é singular na história do futebol cearense, pois se apresentou como o ano em que os jornais que circulavam em Fortaleza passam a expor as questões sobre a profissionalização do esporte, principalmente a sua difusão inicial no Sudeste e o início da adesão pelos times cearenses. É nesse ano em que várias entidades esportivas estaduais começam a discutir e promover o futebol profissional, como podemos perceber na seguinte reportagem:

A minoria do conselho de fundadores da *A.M.E.A.*, numa reunião, que os jornais classificaram de ridícula, tomou diversas providencias. Enquanto isso, a maioria do conselho daquela entidade desportiva, reunida na sede do Fluminense, resolveu, por unanimidade, oficialiar a *C.B.D.*, solicitando o desligamento da *A.M.E.A.*, o que vai ser concedido por maioria absoluta. Os jornais lamentaram os esforços desesperados de que estão lançando inutilmente os lideres do falso amadorismo. (*O Povo*, 07.04.1933, p.9)

Note-se que o caso do Rio de Janeiro ocorre a partir de um dissídio com a Confederação Brasileira de Desporto, mas serve como referência para compreendermos a partir de que momento os periódicos passam a expor a questão do profissionalismo ou, segundo a reportagem, do falso amadorismo.

Então, é perceptível, ainda no início da década de 30, que já se pavimentava a transição do amadorismo para o profissionalismo, através do que foi afirmado como “esforços desesperados” na reportagem, refletindo a ideia de um processo [o profissionalismo] que definitivamente iria se afirmar e não se podia mais voltar.

É importante compreender que o processo de transição de uma forma de entender o futebol para outra metodologia, que se apresentava como uma tendência nacional, não foi uma mudança simples e rápida. No Rio de Janeiro, por exemplo, desde o dissídio de 1933 até 1937, existiram dois campeonatos de futebol, um amador e outro

profissional, pois os clubes também se dividiam a favor ou contra as duas possibilidades.

Na Copa do Mundo de 1934, o selecionado ou *scrath*⁷ brasileiro também foi alvo dessa discussão nacional, pois, além da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), foi criada a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que representava a nova corrente do profissionalismo. Assim, no momento da convocação dos jogadores para ir disputarem o mundial na Itália, a FBF não cedeu os jogadores profissionais para a CBD. Dessa confusão restou a eliminação precoce do Brasil da Copa do Mundo, perdendo para a Espanha no primeiro jogo do torneio.

Além disso, 1933 é o ano em que surge no estado do Ceará o Ferroviário Atlético Clube, clube de origem proletária em que seu surgimento retrata outra perspectiva da origem elitista do futebol. Este fato também reflete a popularização do futebol e a aproximação entre classes evidenciada na política varguista. Rodrigo Pinto retratou fielmente a fundação, a consolidação e as consequências do Ferroviário Atlético Clube no cenário cearense. Nas suas palavras:

O ano de 1933 é também um ponto-chave na consolidação dos interesses sócio-políticos de Getúlio Vargas. “À exceção do salário-mínimo que será regulamentado durante o Estado Novo entre 1931 e 1934, foi promulgada uma série de decretos e leis de proteção ao trabalhador” (PANDOLFI, 2003: 19). Esse fato estreitou os laços do governo com as camadas sociais não abastadas. (2007, p.06)

Rodrigo Pinto dialoga com Dulci Pandolfi sobre a singularidade do ano de 1933, quando se percebe que emergem projetos que protegem o trabalhador, possibilitando um repúdio do contato entre classes cada vez mais brando, pois, como vimos, a rejeição de se praticar o futebol pelas elites junto as camadas populares era intensa durante a República Velha. Pinto ainda destaca a suposta coincidência desses aspectos no ano de fundação do clube proletário cearense, que atua por alguns anos na Segunda Divisão cearense e, em 1945, consagra-se pela primeira vez como campeão estadual da Primeira Divisão.

O aumento de praticantes do esporte bretão se dava desde os anos 20, quando o futebol começava a se dissipar nas cidades do Brasil, principalmente devido

⁷ Termo inglês que corresponde à seleção, isto é, os jogadores que compunham a Seleção Brasileira.

aos Campeonatos Sulamericanos e as Copas do Mundo que se consolidavam no calendário esportivo e chamava a atenção dos desportistas brasileiros.

Com a repercussão do futebol na imprensa, nas rodas de conversas em praças e nas ruas e no cotidiano em geral, o Estado começa a vê o esporte com outras propostas, diferentemente da relação mantida nos anos anteriores, as quais se baseavam em simples medidas organizativas e indiferentes às práticas estabelecidas nos campos de futebol, com exceção das ações que visavam coibir o futebol desordenado praticado nas ruas, praças ou praias de Fortaleza, as quais foram denominadas como “práticas transgressoras” por Carlos Jacinto Barbosa (2003).

Para se compreender como o futebol despertou o interesse do estadista Vargas, o Ministério do Esporte, as federações e demais cargos ligados ao futebol, passaram a ser dirigidos por pessoas próximas ou de confiança de Getúlio Vargas. Sobre isso, Franzini relata:

O então presidente da CBD era Luiz Aranha, irmão do ministro da Fazenda Oswaldo Aranha, ambos revolucionários de 1930 e diretamente ligados ao presidente Getúlio Vargas, enquanto o chefe da delegação que foi a Itália era Lourival Fontes, diretor da secretaria geral do gabinete do interventor do Distrito Federal e que anos depois, já no Estado Novo, viria a ser diretor do todo-poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (2003, p.66)

O futebol cada vez mais popularizado, durante o Governo Vargas, adquiriu significados devido à íntima relação que exerceu com diversos espaços da sociedade. Nessa perspectiva, Roberto da Matta ressalta:

O futebol no Brasil, assim, além de ser um esporte, e também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo. Pois, se as formas de governo e a Constituição mudam constantemente, se as universidades, o padrão monetário e os partidos políticos fazem os brasileiros terem muitas dúvidas sobre sua sociedade enquanto nação moderna, **futebol**, carnaval e as relações pessoais dizem que a sociedade brasileira é grande, criativa e generosa, tendo um glorioso futuro. (1982, p. 40)

O interesse do poder pelo futebol é apropriado por Getúlio Vargas para que o projeto patriota se estabeleça disciplinadamente, embora a discrepância nos campos de futebol entre a elite e as camadas subalternas ainda se fazia presente em Fortaleza, visto que poucos eram os clubes que aceitavam jogadores provenientes das classes menos

abastadas. Na seguinte reportagem sobre o futebol cearense, ainda em 1939, temos algumas questões sobre esse aspecto:

“Defrontar-se-ão hoje á noite, á luz dos refletores, as simpatizadas equipes do Penarol e do Maguari, as quais prometem arrastar ao Prado duas eletrizantes torcidas femininas.

A partida, que será a ultima do turno, promete revestir se de lances sensacionais, dada a rivalidade existente entre as duas turmas preliantes, que se gabam de ser os únicos quadros de amadores que disputam o campeonato da cidade. (*O Povo*, 03.10.1939, p.4)

A partir de então, configura-se no final da década de 30 um futebol cearense que ainda abrigava clubes que eram restritamente amadores e que dificultavam o ingresso dos jogadores das camadas populares.

Por outro lado, a inserção dos jogadores de cor em todo o território nacional, como os expoentes nacionais Domingos da Guia e Leônidas da Silva, inicialmente através do “bicho”, assentava as bases da profissionalização do esporte e a sua difusão na sociedade, aspecto que vai ser manipulado pelo Estado.

Em suma, o futebol cearense, entre as décadas de 20 e 30, foi palco de uma segregação social na medida em que a tradicional filosofia do amadorismo tentava excluir as camadas subalternas da sociedade no esporte, de forma que quando o semiprofissionalismo começa a se desenvolver com a entrada dos homens negros e de classe média, a prática esportiva incorpora novos significados até o momento em que a profissionalização regulamentada é um caminho sem volta.

Concluimos, nessa perspectiva, que essa tentativa de segregar socialmente o futebol cearense fez com que as camadas pobres de Fortaleza praticassem suas atividades em campos de várzea nos subúrbios da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA, Roberto. **O Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade** / Hilário Franco Júnior. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-45)**. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2007.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

_____. **A formação dos times de futebol proletário e as intervenções das elite: a construção da história do futebol cearense e os conflitos sociais em torno da bola. (1919 – 1938)**, 2007.

REIS, Heloísa Helena Baldy; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Liber Livro, 2006.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

FONTES

ENTREVISTAS

Fontenele, José Candido. Entrevista [07 mar. 2013] Entrevistador: Caio Lucas Morais Pinheiro. Fortaleza: 2013. Arquivos de mp3. Entrevista concedida para monografia.

JORNAIS

O Povo

Unitário

Correio do Ceará